

## APRESENTAÇÃO

O **III Encontro da ABECS - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, promovido pelo **Departamento de Linguística da FFLCH/USP**, a realizar-se no **USPoficina**, de 13 a 15 de outubro de 2004, dá continuidade ao *Segundo Encontro de Estudos Crioulos e Similares*, realizado na UFMG, de 3 a 5 de outubro de 2002, cujas atas estão publicadas em *Papia* 13 (2003).

O evento deste ano propõe a discussão do tema “ Línguas Crioulas num Contexto de Globalização” , sugerindo que se reflita sobre crioulização, pidginização, línguas de sinais, aquisição/aprendizagem de línguas num momento histórico em que as fronteiras da diversidade lingüística parecem confundir-se, sucintando prognósticos catastrofistas sobre a morte de línguas. Os resumos dos trabalhos que ora apresentamos confirmam o desenvolvimento da pesquisa dos estudos na área da crioulística e de contatos de línguas em geral, no Brasil, ao mesmo tempo que revelam o interesse de estudiosos estrangeiros pelos crioulos de base portuguesa.

Agradecemos a participação e o apoio de colegas e estudantes à organização do evento, esperando que o encontro seja bastante produtivo.

Margaria Maria Taddoni Petter

Pela Comissão Organizadora

## RESUMOS

### **A CONSTRUÇÃO DO LÉXICO DOS CRIoulos PORTUGUESES DA ÁFRICA**

**Jean Louis Rougé**

(C.O.R.A.L

Université d'Orléans)

Costuma-se classificar os crioulos em função da sua "base lexical" (crioulo francês, inglês, português); desse modo, o léxico permanece o parente pobre do estudo destas línguas. No entanto, a história dos léxicos traz um número de casos, particularmente interessantes para o estudo da crioulização, não só como um fenômeno lingüístico, mas também como um fenômeno social. Os crioulos que servirão de ilustração ao nosso propósito são os crioulos portugueses da África que se repartem em duas zonas geográficas: a África do Oeste (Guiné-Bissau, Casamansa e as Ilhas do Cabo Verde) e o Golfo da Guiné (São Tomé e

Príncipe e Ano Bom). O estudo do léxico revela toda a sua importância, se considerarmos que a primeira operação propriamente lingüística (aqui oposta a pragmática) do processo de crioulização consiste em segmentar os discursos ouvidos (que sejam pronunciados em português – português "padrão" da época, mas também de variedades regionais e variedades "aproximativas" já africanizadas - ou em um "pidgin" desta língua) em unidades às quais atribui-se, para reutilizá-las ulteriormente, um funcionamento e um sentido. A partir da comparação dos diferentes crioulos e confrontando-os ao português e às diferentes línguas africanas (que sejam línguas maternas dos "crioulizadores" ou línguas veiculares das regiões da África de onde vêm), serão depreendidas pistas para a reconstrução do material (vocabulário) destes discursos, das situações nas quais foram emitidos, bem como dos métodos que presidiram à interpretação que conduz à formação do léxico de cada crioulo.

### **O CONTATO LINGÜÍSTICO PARA MARTIUS (1794-1868), VON DEN STEINEN (1855-1929) E PAUL EHRENREICH (1855-1914)**

**Aline Cruz**

(Mestranda, CEDOCH-DL-USP, CAPES)

**Beatriz Christino**

(Doutoranda, CEDOCH-DL-USP, CAPES)

Em seus estudos gerais e comparativos das línguas do Brasil, os primeiros a considerarem as chamadas 'línguas tapuias' (não-tupis), Karl F. P. von Martius (1794-1868), Karl von den Steinen (1855-1929) e Paul Ehrenreich (1855-1914), procuraram recompor o panorama lingüístico do Brasil pré-colombiano, a partir das evidências de contato entre línguas que identificaram nos dados a que tiveram acesso em suas expedições ao país.

Nosso objetivo é demonstrar que, embora filiados a uma mesma tradição de pesquisa, Martius, de um lado, e von den Steinen e Ehrenreich, de outro, apresentaram visões não coincidentes acerca da natureza, da intensidade e das conseqüências do contato lingüístico.

### **UMA VISÃO SÓCIO-COGNITIVA DO CONTATO LINGÜÍSTICO**

**Heliana Mello**

(UFMG)

É inegável a contribuição que diferentes abordagens de análise lingüística têm oferecido à crioulística em particular, e aos estudos sobre o contato lingüístico como um todo. Há enfoques voltados para a caracterização sintática de variedades lingüísticas emergentes (cf. McWhorter 1998), outras tendências enfocam fatores sociais, políticos e lingüísticos para a inepção de novas variedades lingüísticas (cf. DeGraff 2003; Mwfwene 2002, 2003). Qualquer que seja o paradigma adotado, as bases epistemológicas que o sustentam, parecem indicar crenças pautadas pela existência definida de um componente lingüístico à mente humana, passível de separação de outras habilidades cognitivas, e provido de mecanismos próprios para a aquisição de linguagem. Nesta comunicação proponho uma

reflexão sobre a premissa mencionada acima, indicando a possibilidade de sua negação frente a uma mudança epistemológica para a sustentação teórica de hipóteses que enfoquem a dinâmica do contato lingüístico. Para tal, discuto uma visão sócio-cognitiva de abordagem do fenômeno de contato, onde as resultantes lingüísticas estão imbricadas em práticas sociais, culturais e uma história cognitiva pautada pelas ações de seus agentes.

## **ASPECTOS DO CONTATO ENTRE A LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO (TUPI-GUARANI) E O PORTUGUÊS: INTERFERÊNCIAS, EMPRÉSTIMOS E ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO**

**Mônica Veloso Borges**  
(UFG/PG-UNICAMP)

Os Avá-Canoeiro, falantes de uma língua Tupi-Guarani de mesmo nome, foram reduzidos a um total de aproximadamente vinte pessoas, distribuídas em dois grupos. A maioria da população, “os Avá-Canoeiro do Araguaia”, reside, desde 1973, na aldeia Canoanã, dos índios Javaé (Macro-Jê), próxima ao município de Formoso do Araguaia, no Estado do Tocantins, na Ilha do Bananal. O grupo menor, “os Avá-Canoeiro do Tocantins”, formado por seis pessoas, vive, desde 1983, na Área Indígena Avá-Canoeiro, nas margens do Rio Maranhão, antigo território de perambulação do grupo, nas proximidades dos municípios de Minaçu e Colinas, no Estado de Goiás. É meu objetivo neste trabalho, além de apresentar a história de contato desse povo, marcada por constantes massacres e chacinas, tratar de alguns aspectos do contato lingüístico entre português e Avá-Canoeiro, como empréstimos do português nessa língua, interferências fonológicas e morfológicas do Avá-Canoeiro no português falado e algumas situações de alternância de código (*codeswitching*) entre essas duas línguas. Pretendo também relatar minha experiência de pesquisa lingüística com os Avá-Canoeiro, discutindo os problemas e os avanços junto a um povo constantemente ameaçado de extinção e vivendo sob o que Baines (1993, 1996) chama de “indigenismo empresarial e de resistência”, em que o indigenismo oficial da FUNAI liga-se a um modelo de desenvolvimento econômico, representado neste caso por FURNAS Centrais Elétricas, responsável pela Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa. Em virtude da construção dessa usina ter atingido uma parte da área Avá-Canoeiro, foi firmado um convênio entre a FUNAI e FURNAS, intitulado PACTO (“Programa Avá-Canoeiro do Tocantins”). Desse modo, FURNAS assumiu as responsabilidades referentes à manutenção financeira do grupo, como “forma de compensação” pelos impactos e danos à área Avá-Canoeiro.

## **TRAÇOS DE LÍNGUAS CRIOULAS NO PORTUGUÊS DE CONTATO DOS MANXINERI (AC), CAXINAUÁ (AC) E WAJÁPI (AP)**

**Ana Stela Cunha**  
(Doutora Departamento de Lingüística/USP)  
**Lilian Abram**  
(Mestre Departamento de Lingüística/USP)

O trabalho que se segue tem como objetivo salientar alguns processos morfossintáticos na aquisição de português enquanto língua estrangeira junto a três etnias distintas: Manxineri (família lingüística ARUAK), Caxinauá (PANO) e Wajãpi (TUPI).

De tal sorte, o trabalho buscará mostrar os universais lingüísticos na aquisição da L2 através de dados lingüísticos coletados em pesquisas de campo, através da língua oral. Posteriormente buscaremos ainda observar em que medida a língua materna permeia o texto escrito em L2, já que os sujeitos da pesquisa são professores em suas aldeias.

Serão levantados dados morfossintáticos numa busca de se compreender quais os processos envolvidos na aquisição da linguagem e em que medida podem ser considerados comuns à todas as realidades de contato, já que estaremos trabalhando aqui com três famílias lingüísticas distintas. O resultado final deste trabalho será uma contribuição para a reflexão a respeito do ensino de línguas nestes contextos.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPRÉSTIMOS EM SATERÉ-MAWÉ

**Raynice Silva**

(PG-UNICAMP/FAPEAM)

O objetivo deste trabalho é propor um estudo sobre os empréstimos lexicais do Nheengatu (Língua Geral Amazônica) para a língua Sateré-Mawé, observando a ocorrência de palavras que já foram incorporadas ao vocabulário Sateré. A Terra Indígena Andirá-Marau dos índios Sateré-Mawé, localiza-se no Estado do Amazonas (região do médio rio Amazonas), com uma população aproximada de 8.000 indígenas. A área do estudo em questão é a do rio Andirá, onde há falantes do Sateré (língua predominante) e do Nheengatu (com poucos falantes e já com mais de 40 anos). Estudos realizados sobre os índios Sateré-Mawé (Rodrigues (1984/85), Rodrigues & Dietrich (1997), Franceschini (1999), Suzuki (1997)) falam sobre a questão dos empréstimos lingüísticos entre as línguas. A história de contato é de mais de trezentos anos. Como consequência, muitas palavras do Nheengatu foram incorporadas ao vocabulário Sateré o que, muitas vezes, não é percebido pelos próprios falantes dessa língua (observação pessoal). Na língua Sateré-Mawé pode-se observar basicamente duas situações de empréstimos de palavras do Nheengatu. A primeira que corresponde a palavras que foram incorporadas ao léxico sem nenhuma alteração (*pisana* ‘gato’, *apukuíta* ‘remo’, *kuja* ‘cuia’). A segunda de palavras que foram adaptadas (Sateré *awati*, Nheengatu ‘*awát* ‘milho’; Sateré *ɔ*, Nheengatu ‘*ɛ* ‘rio’) para serem anexadas ao léxico Sateré. Observa-se ainda que algumas palavras (*kupidu* ‘capivara’, *kuãdu* ‘porco-espinho’) do Nheengatu, são utilizadas normalmente, apesar de existir a denominação em Sateré *pa wato* e *ɸBãɸu* respectivamente. Neste estudo pretende-se fazer algumas considerações sobre os empréstimos entre duas línguas indígenas (Sateré e Nheengatu) na região do médio rio Amazonas/AM.

## BRASILEIRISMOS DE ORIGEM BANTA E SUA ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA NO PB: UMA ABORDAGEM EM TEORIA DA OTIMIDADE

**Francisco da Silva Xavier**  
*(Mestrando/USP)*

Os brasileirismos de origem de línguas bantas são os vestígios de línguas africanas mais antigos no nível léxico e por isso mais profundamente integrados ao Português Brasileiro. Esta comunicação apresenta uma abordagem em Teoria da Otimidade nos termos originários do quicongo, com vistas a propor uma explicação de como se teria dado o processo de integração fonológica desses termos ao PB. Os brasileirismos de origem do quicongo formam , dentro da pluralidade de fontes do léxico do PB, uma importante parcela que ainda reclama de uma investigação lingüística fundamentada dentro de quadros teóricos recentes. O artigo mostra ainda a necessidade premente de rever os trabalhos em que se afirma uma possível “influência” estrutural de línguas africanas no PB.

### **O IKPENG EM CONTATO COM O PORTUGUÊS: EMPRÉSTIMO LEXICAL E ADAPTAÇÃO LINGÜÍSTICA**

**Frantomé Pacheco**  
*(Pós-Doutorado, USP/FAPESP)*

A comunidade Ikpeng, que está localizada na região central do Parque Indígena do Xingu (MT) e conta com aproximadamente trezentos e cinquenta falantes, vem mantendo contato com os não-índios ("brancos") desde os anos cinquenta. No início da década de sessenta, diante das ameaças que o grupo vinha sofrendo por parte de invasores de seu território e dos constantes ataques que fazia às comunidades xinguanas, os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas resolveram estabelecer um contato mais efetivo com os Ikpeng (denominados Txikão naquela época), tendo em vista evitar seu completo desaparecimento. Assim, em 1967, os Ikpeng, em número bastante reduzido, foram transferidos para os limites do Parque Xingu, iniciando-se um contato com sociedades não-Ikpeng (incluindo-se os demais grupos indígenas do Alto e do Baixo Xingu) que modificou a forma de o grupo se relacionar com o mundo externo e sua cultura. A comunicação tem por objetivo apresentar algumas questões sobre o contato entre o Ikpeng e o português a partir da perspectiva da Lingüística Antropológica, enfatizando os seguintes aspectos: a) o histórico do contato entre o Ikpeng e o português; b) o estatuto do Ikpeng e do português na comunidade Ikpeng contemporânea; c) como o Ikpeng se adaptou às novas situações de contato, que envolvia não apenas falantes do português, mas de outras línguas indígenas faladas no Parque Xingu; e d) quais partes da estrutura lingüística do Ikpeng foram influenciadas pelo português. Com isso, procuraremos mostrar como a língua tradicional do grupo é importante para a identidade étnica de seus falantes e um importante instrumento de manutenção das tradições da comunidade em situações que envolvem seu contato com a língua oficial do país.

### **ALGUNS ASPECTOS DO PORTUGUÊS FALADO NA ALDEIA DE LALIMA, MS.**

**Waldemar Ferreira Netto**  
(USP)

No MS, a Aldeia de Lalima apresenta características lingüísticas resultantes de mudanças no uso da língua tradiocional para a língua portuguesa. Embora considerada Terêna, sua população afirma uma origem Guaicuru. Os poucos falantes de terêna que se encontram, são originários de outras aldeias terenas. O português usado apresenta, predominantemente, traços bem marcados do português da região, mas, é possível encontrar alguns traços cuja origem possa ser atribuída a outra língua, possivelmente o terena.

### **SUBSTANTIVOS SEM DETERMINADORES (SSD) - SUA IMPORTÂNCIA PARA A LINGÜÍSTICA IBÉRICA**

**Arthur K. Spears**  
(The City University of New York)

Esta comunicação apresenta e sintetiza a informação sobre os SSD que os estudiosos têm descoberto recentemente. Os SSD não têm nem determinador nem sufixo, como no exemplo (1):

1. ø Pessoa vê as coisa. 'A pessoa vê as coisas'. Ceará, português vernacular rural brasileiro (Melo 1997:157. após Jeroslow 1974).

Observe que o SSD no exemplo (1) é interpretado como definido. Até recentemente, os estudiosos deste sujeito acreditavam que este tipo de substantivo não estava presente nas línguas européias e similares das Américas e da África, e.g. nos crioulos, nos vernaculares portugueses, e nos vernaculares espanhóis. Entretanto, sabe-se agora que estão atuais nestas línguas. Ocorrem também em outras línguas européias faladas na África e nas Américas e nas línguas similares, e.g., o inglês afro-americano (IAA). Nós temos a evidência de SSD no IAA, e podemos hipotetizar que estão encontrados em mais, se não todos, vernaculares das línguas européias influenciadas historicamente por línguas da África ocidental. Este grupo de línguas classifica-se geralmente como 'parcialmente reestruturadas' e inclui o holandês (i.e., o afrikaans), além dos vernaculares portugueses, espanhóis e ingleses. A importância dos dados apresentados encontra-se na tipologia lingüística e na gramática universal. Por exemplo, estas línguas demonstram a necessidade de elaborar teorias mais adequadas para explicar na gramática universal a interação dos determinadores, dos classificadores de numerais, e da morfologia inflexional. Um resultado específico da pesquisa apresentada é o seguinte: uma língua que tenha a distinção contável/ incontável não é requerida a marcar a definição.

### **MARCAS DA TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA IRREGULAR NO FALAR DE CONCEIÇÃO DE IBITIPOCA – MG**

**Terezinha Cristina Campos de Resende**  
(UFRJ)

A comunicação apresenta parte dos resultados da pesquisa sobre o mecanismo de concordância verbal de 3ª pessoa do plural, na fala dos nativos de Conceição de Ibitipoca - MG, onde se procedeu a análise empírica dos padrões de comportamento lingüístico de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo programa de pesquisa da Sociolingüística Variacionista.

Nesta pesquisa abre-se discussão para o processo de formação do português popular brasileiro, apontando, sobretudo, para o caráter descrioulizante do vernáculo. Em relação à constituição histórica do português brasileiro toma-se aqui como fundamento a teoria da transmissão lingüística irregular, defendida por Baxter e Lucchesi (1993 e 1997) e por Lucchesi (1994, 1996, 1998, 1999 e 2000), segundo a qual a aquisição de forma precária e defectiva do português por parte de aloglotas explica as modificações ocorridas no sistema flexional do português popular do Brasil.

Uma língua transplantada, que passa a ter contato com outras línguas, como o português europeu no Brasil, tem suscitado questões para as quais já se tentaram várias respostas. Algumas dessas questões serão retomadas aqui, pois Conceição de Ibitipoca -MG é um lugar que, por seu difícil acesso, permaneceu durante muito tempo em semi-isolamento, conservando seu dialeto. Teve em sua origem histórica a presença dos índios aracis e a integração dos escravos africanos durante o ciclo do ouro, portanto uma comunidade de fala que pode ser tomada como retrato lingüístico do que ocorreu no passado.

## **AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS: UMA EXPLICAÇÃO COM BASE NA TEORIA DOS 4M**

**Norma da Silva Lopes**  
(UNEB / FJA)

A variação da concordância no português pode ser explicada pela teoria dos 4M (Myers-Scotton e Jake: 2000). Os morfemas diferem, segundo essa teoria, principalmente, no fato de serem ou morfemas de conteúdo ou funcionais e, dentre esses, alguns são gerados mais cedo, juntamente com os morfemas de conteúdo, e outros, mais tarde, cumprindo intenções puramente gramaticais. A concordância de número dentro do Sintagma Nominal, segundo o ponto de vista defendido neste trabalho, envolve esses dois tipos de morfema, “*early e late system morphemes*”. Segundo a teoria dos 4M, a definitude é um *early system morpheme*. Na língua portuguesa, a informação de definitude, que é dada pelo artigo e pelos determinantes, é acompanhada da informação de plural, que, nesse contexto, é muito mais freqüente que nos elementos nucleares dos sintagmas. A marca de plural é, nessa situação, assim como a definitude, aqui entendida como um morfema sistêmico ou funcional, que cumpre intenções do falante, um *early system morpheme*. O mesmo ocorre com o plural nos nomes em primeira posição no sintagma. O plural, é, em outros contextos, no nome em 2ª, 3ª, 4ª ou 5ª posição e em elementos não nucleares (à esquerda não adjacente ou à direita), um morfema puramente gramatical, um *late system morpheme*, gerado mais tarde (na fase do *formulator*). A informação de plural dada pelo *early system morpheme* não se constitui morfema de concordância, o são os outros, que têm intenção puramente de fazer concordar os elementos do sintagma. Esses, os *late system morphemes*, são os últimos a serem aprendidos e são os primeiros a sofrerem variação. É por essa razão que se constata mais variação entre alguns desses morfemas e menos entre outros.

## **A APRENDIZAGEM FORMAL DO RELATIVO “CUJO” E DO CLÍTICO ACUSATIVO DE 3ª PESSOA**

**Marilza de Oliveira**  
(USP)

Trabalhos como os de Omena (1979), Duarte (1986), Malvar (1992) e Luize (1997) têm apontado a perda do clítico acusativo de 3ª. pessoa no Português de diferentes regiões do Brasil. Corrêa (1991) mostrou que esse tipo de clítico é adquirido via instrução formal e se faz primeiro na modalidade escrita. Kato (1994) propôs que o clítico é adquirido como morfologia estilística.

O trabalho de Corrêa mostrou que a aprendizagem do clítico não é tranqüila, pois aparecem casos de hipercorreção, em que se verifica a presença de dois clíticos, por exemplo. Além das hipercorreções, não é raro encontrarmos em redações do vestibular da Fuvest ou do Enem estruturas de objeto duplo e ocorrências de concordância verbal com o clítico acusativo.

Cordeiro (em andamento), com base nos testes aplicados em escolas e na produção espontânea dos alunos, reconfirma a presença de estruturas de objeto duplo e de concordância verbal com o clítico. Esses resultados são evidência de que, no processo de aprendizagem do clítico, o aluno apóia-se na construção de sujeito duplo do PB, uma estrutura que faz parte de sua língua-I, uma vez que ele não está exposto a esse tipo de dado em seu ambiente lingüístico.

Neste trabalho, retomo os dados de redações de vestibulares e aqueles analisados por Cordeiro e discuto a natureza do clítico e do SN na posição de objeto. Proponho que o “clítico acusativo de 3ª. pessoa” aprendido não tem a natureza de clítico, mas sim de pronome fraco e que o SN tem função de tópico. Essas propriedades do clítico e do SN explicam a concordância verbal que os alunos estabelecem com o objeto.

## **O CRIOULO INGLÊS TOK PISIN DA PAPUA NOVA GUINÉ: CONTEXTO HISTÓRICO E CATEGORIAS GRAMATICAIAS**

**Celeste Garcia Ribeiro**  
(UNB/UNIR-FAIR)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas categorias gramaticais do crioulo inglês tok pisin, bem como a sua história e formação. Desta forma, este trabalho não pretende ultrapassar o nível da tipologia e descrição de algumas categorias gramaticais, de tal modo que possa esclarecê-las ao público. Assim, pesquisou-se sobre a realização do pronome; nome; verbo; advérbio e adjetivo na língua tok pisin da Papua Nova Guiné.

Os dados utilizados em sua elaboração derivam da pesquisa bibliográfica que constitui da consulta tanto do dicionário *Pidgin/English Dictionary* compilado por Terry D. Barhost e Sylvia O’Dell-Barhorst como de outros documentos disponíveis que fazem referência à gramática e à história do tok pisin.

A primeira parte deste trabalho é dedicada à história da língua tok pisin, desde sua iniciação como um jargão de base inglesa até a sua concretização como uma língua crioula cristalizada e majoritária na Papua Nova Guiné. Em seguida faço algumas considerações a respeito de categorias gramaticais, do ponto de vista tradicional, e suas realizações no tok pisin. A análise de alguns tópicos da estrutura da língua ou análise de dados é feita na segunda parte do trabalho, a partir de uma breve descrição da transitividade dos verbos e dos adjetivos formados pelo sufixo *-pela* no tok pisin. Finalmente, na conclusão, exponho as minhas considerações acerca do estudo realizado, e faço referência a estudos futuros. Espero, contudo fornecer, com esse trabalho, informações sobre a língua tok pisin num âmbito geral e pouco aprofundado.

## **A FONOLOGIA DAS LÍNGUAS CRIOULAS DE BASE PORTUGUESA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PROPOSTAS INATISTA E SUB/SUPERSTRATISTA**

**Thiago Humberto do Nascimento**  
(USP)

A idéia de Derek Bickerton (The bioprogram Hypothesis) que colocou a pesquisa sobre as origens dos crioulos no paradigma gerativo – chomskyano – é a de que a aquisição de línguas crioulas se dá em situações em que a criança *não* tem um modelo para a aquisição, ou seja, ela está exposta a um código que não é formado como uma língua natural (o pidgin). O que aconteceria na aquisição dos crioulos, e que explica as similaridades estruturais muito grandes entre crioulos baseados em línguas sem relacionamento genético identificável ou tipologicamente bem distintas, é que a criança, na falta de especificações consistentes para que ela proceda na fixação dos parâmetros de sua língua, vai construir a gramática com base em uma especificação "default" de parâmetros; ela escolheria princípios que seriam os "não-marcados" de uma configuração pré-aquisição. Bickerton rejeita teorias que tomam o substrato para explicar a origem dos crioulos. Se isso for verificável, o estudo das línguas crioulas seria uma espécie de janela direta para o estudo dessas configurações não-marcadas da GU.

Seria plausível supor a existência de parâmetros fonológicos menos-marcados e que eles tenham a ver, talvez, com restrições funcionais aos mecanismos perceptivo-articulatórios sobre as representações fonológicas, palpáveis em situações de aquisição como a dos crioulos. Talvez haja mecanismos funcionando como 'default' de mapeamento entre os níveis morfo-fonológicos que seriam ativados quando a evidência para a aquisição é insuficiente para fixar seus valores paramétricos.

Este projeto busca identificar a existência de parâmetros fonológicos *default* e averiguar se a teoria de Bickerton é verificável no nível fonológico dentro do grupo de línguas crioulas de base portuguesa e contrastar esse grupo com outros grupos crioulos de base românica, a partir da identificação dos parâmetros universais da GU, se é que existem.

## **PRODUTIVIDADE DOS AFIOS DERIVACIONAIS DO CRIOULO QUINEENSE**

**Maria Aparecida Curupaná da Rocha de Mello**  
(UnB)

A morfologia tem sido objeto de intensas discussões na crioulistica. Há tempos os estudos crioulos alega que a morfologia destas línguas pouco tem a nos dizer, esta idéia está calcada no juízo de que as línguas crioulas apresentam pouca morfologia.

Este pensamento inquieta estudiosos que vêm encontrando na morfologia de línguas crioulas seu campo de pesquisa.

Este trabalho faz uma investigação nos afixos do crioulo guineense a partir da Teoria Lexical de Kiparsky (1982 e 1986) e os estudos de COUTO (1994). Este modelo teórico propõe um ajuntamento da morfologia e da fonologia para análise de dados a partir de uma ordem hierárquica. Quanto mais alto o grau de complexidade dos processos, mais alto na hierarquia do modelo. Quando a manifestação do processo apresenta regularidades, estará disposto em um nível mais baixo hierarquicamente. Assim, a ordem hierárquica reflete o grau de complexidade e de regularidade dos processos, repercutindo diretamente na produtividade dos afixos envolvidos nas operações morfológicas.

Propõe-se explorar a produtividade dos afixos nas línguas crioulas, nomeadamente, no crioulo guineense. Assim, é justo afirmar que, além de possível o tratamento lingüístico da morfologia crioula, também carece de um tratamento científico que considere a morfologia plenamente ajustada no seu espaço gramatical, como componente essencial do “núcleo duro” das línguas.

## **QUESTÕES DE ESTANDARDIZAÇÃO E NORMALIZAÇÃO MEDIANTE O CASO DO CRIOULO DE SAN ANDRÉS**

**Angela Bartens**  
(Universidade de Helsinque)

Nessa comunicação, trataremos de questões de estandardização e de normalização de línguas crioulas primeiro do ponto de vista teórico e a seguir mediante exemplos de casos concretos em que uma língua crioula está passando pelos processos mencionados. Fazem parte das questões teóricas as condições preliminares, a escolha do momento, os actores, os recursos, etc. O caso concreto tratado é o do crioulo de base lexical inglesa de San Andrés, Colombia. Contudo, vamos fazer comparações com o crioulo irmão da ilha de Providência, com o crioulo também aparentado da costa atlântica de Nicarágua, com o papiamento e com os crioulos das Ilhas de Cabo Verde e das Filipinas (de base lexical portuguesa e espanhola, respectivamente) por apresentarem casos que se diferenciam num ou em vários pontos.

## **A "HIPÓTESE CRIOULISTA" DE MATTOSO CÂMARA PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL**

**Tania Alkmim**  
(UNICAMP)

O presente trabalho se propõe a apresentar e discutir a posição de Mattoso Câmara a respeito do Português do Brasil frente ao de Portugal, a partir do artigo "Línguas européias de ultramar: o Português do Brasil" (Dispersos. Rio, FGV, 1975), de 1963. Nesse referido texto, Mattoso discute a inadequação das teses evolucionista e substratista (substratos indígena e africano) e assume a hipótese da existência de um crioulo português, falado por escravos brasileiros que pode estar na base de algumas inovações do Português do Brasil.

## **CRIOLÍSTICA E ECOLINGÜÍSTICA**

**Hildo Honório do Couto**  
(UNB)

Sucintamente, criolística é o estudo das línguas crioulas, e ecolingüística é o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Tanto a criolística quanto a ecolingüística são interdisciplinares. Mas o objetivo desta comunicação é mostrar que as afinidades entre ambas vão muito além dessa constatação. No estudo das línguas crioulas, não podemos ater-nos ao seu aspecto estritamente sincrônico e estrutural. Pelo contrário, sempre se leva em consideração o processo histórico de sua formação. Esse processo, por seu turno, se dá em condições sócio-históricas que envolvem uma série de fatores, inclusive o espaço em que o contato se dá.

A ecolingüística também encara a língua em seu aspecto dinâmico e evolutivo. Como a criolística, se interessa pelos processos sócio-históricos que envolvem a existência e o uso das línguas. Aí se incluem questões como nascimento e morte de línguas, diversidade lingüística, relação entre língua e meio ambiente.

O próprio cenário do contato de línguas de que emergem línguas crioulas tem sido chamado "ecologia do contato de línguas". Desse contato, surge uma série de tentativas de interação comunicativa, no contexto da Ecologia da Interação Comunicativa" (EIC), de que pode surgir uma língua mista, que é uma língua plena. Quando isso se dá, temos o que vem sendo chamado de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), que é o ecossistema maior de que a língua faz parte.

Enfim, não é por acaso que criolistas como Mühlhäusler, Mufwene e Calvet vêm se dedicando à jovem disciplina da ecologia, além dos estudos pioneiros de Whinnom.

## **O CABOVERDIANO: UMA LÍNGUA MUNDIAL**

**Nicolas Quint**  
(CNRS-LLACAN)

A língua caboverdiana, falada por quase todos os habitantes do Arquipélago do Cabo Verde (na África do Oeste) pode, legitimamente, ser considerada como um símbolo da globalização, e por mais de uma razão: antes de mais nada, pelas suas origens, dado que o

caboverdiano é o fruto do encontro das culturas de dois continentes, África e Europa; a seguir, pelo fato de que, atualmente, o Cabo-verdiano é falado, cotidianamente, pelas comunidades que emigraram de três continentes: África, América e Europa. Por meio de alguns exemplos retirados do dialeto santiaguense (falado pela maioria da população), mostraremos como a língua caboverdiana leva, nas suas estruturas, os vestígios da sua dupla origem afro-européia. Em seguida, examinaremos os problemas e os desafios que se colocam para uma comunidade lingüística espalhada por numerosos países e cuja maioria dos locutores vive fora do seu país de origem.

## **PROCESSOS PROTÉTICOS, EPENTÉTICOS E PARAGÓDICOS NO CABOVERDIANO**

**Ulisdete Rodrigues de Sousa Rodrigues**  
(UFMT/UnB)

Esta apresentação trata-se de um breve estudo sobre os processos fonológicos de inserção no Caboverdiano. A finalidade é discutir o papel da prótese, epêntese e paragoge na formação da sílaba ótima nas línguas crioulas, em geral, e no Caboverdiano, em particular. A pergunta-chave é: até que ponto a inclusão de um segmento facilita ou dificulta a estrutura CV, e porque isso acontece? Pretende-se, ao tentar responder tal pergunta, discorrer sobre a criação ou modificação vocabular baseada em modelos pré-existentes ou nos universais lingüísticos e a modificação vocabular baseada na junção de elementos de classes distintas no contínuo da fala, passando, depois, para a analogia nas formas seguintes.

## **A FORMAÇÃO DIACRÔNICA DO PORTUGUÊS CULTO BRASILEIRO**

**Marcelo Módolo**  
(USP)

Dentro do “Projeto de História Português Brasileiro (PHPB)”, os estudos sobre a constituição sócio-histórica do português brasileiro enfocam-no não como uma unidade, como propôs Serafim da Silva Neto, mas sim o reconhecem como uma “realidade heterogênea”. Para essa “realidade heterogênea”, distinguem-se caracterizações que ou a concebem como um diassistema constituído por pelo menos dois subsistemas, também eles heterogêneos, designados de *normas vernáculas* e de *normas cultas*, ou o interpretam como um diassistema constituído por três subsistemas, *grosso modo* correspondentes a uma *variedade rural inculta*, uma *variedade urbana inculta* e uma *variedade urbana culta*.

Nessa apresentação farei uma reconstrução mais aproximada da formação histórica daquilo que mais correntemente se tem designado de *português culto brasileiro* em oposição ao *português popular brasileiro*. A exposição basear-se-á mormente em estudos já elaborados, dentro do âmbito do Projeto: *De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios* de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2001); *A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil* e *Estereótipos lingüísticos: negros em charges do século XIX* de Tânia Maria Alkmim (2001

e 2002, respectivamente); *Tentativa de explicação diacrônica de alguns fenômenos morfossintáticos do português brasileiro* de Eberhard Gärtner (2002); *Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contato lingüístico* de Heliana Ribeiro de Mello (2002) e, finalmente, *Quais as faces do português culto brasileiro?* de Ilza Ribeiro (2002).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PORTUGUÊS FALADO QUATROCENTISTA E QUINHENTISTA**

**Mário Eduardo Viaro**  
(USP)

Diante de fenômenos semelhantes que surgem em diferentes do mundo, sobretudo na área da fonética, da morfologia e da sintaxe é comum apresentarem-se duas teorias. A primeira aponta para o fenômeno das derivas: forças intrínsecas a línguas do mesmo grupo ou família que aparecem inexoravelmente em momentos distintos, em regiões distantes. A segunda é a teoria da conservação, que comumente põe a periferia como uma zona onde residem os arcaísmos. Com base em uma série de fenômenos fonéticos das inúmeras variantes do português não-europeu e dos crioulos de base portuguesa é possível apresentar uma teoria que unifique as duas visões, apontando elementos latentes da norma quatrocentista e quinhentista que sobrevivem ainda hoje. Essa visão proporciona a desassociação da língua escrita da falada sob uma perspectiva histórica, aponta para a norma e seus elementos não-distintivos como um elemento primordial para entender os fenômenos históricos bem como revela que a oposição *língua/ fala* esconde em si um platonismo que não auxilia a compreensão da mudança e da variação lingüística.

## **GRAMÁTICAS EM COMPETIÇÃO E CONTATO LINGÜÍSTICO NA HISTÓRIA DO PB**

**Maria Aparecida C.R. T. Morais**  
(DLCV-AFLP-USP)

Minha participação na mesa redonda tem como objetivo apresentar argumentos para a hipótese de que é possível conciliar, nos estudos descritivos sobre o português do Brasil (PB), a teoria sintática de orientação gerativista e a hipótese sociolingüística do contato lingüístico. O ponto de partida é o reconhecimento de que a realidade sociolingüística brasileira apresenta-se polarizada entre normas cultas, definidas a partir dos padrões de fala das classes média e alta, e normas vernáculas, expressivas dos falares das classes baixas ou segmentos de baixa escolaridade (cf. Lucchesi, 2001). Como reconhece Mattos e Silva (2001), é necessário considerar que aquilo que entendemos por PB envolve tanto o português popular como o português culto.

Seguindo as idéias propostas por Kroch (1994, 1999) dentro dos pressupostos do quadro teórico dos Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981,1986), pretendo mostrar que as circunstâncias de natureza geográfica, econômica e social em que se deram a implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil revelam uma aquisição do português como segunda língua nos primeiros séculos da colonização, levando a mudanças nos dados

lingüísticos que servem como “input” para as novas gerações que o adquirem como língua materna. O processo de transmissão do PB foi irregular, realizado quase que exclusivamente na oralidade. O resultado é que os falantes do português popular (urbano e rural) fixam parâmetros distintos daqueles da língua culta, produzindo novas gramáticas. A competição entre gramáticas tem uma origem sociolingüística, resultante de um longo processo histórico de contato lingüístico entre a população que teve acesso à variante culta e a população que adquiriu o português na oralidade.

A idéia de gramáticas em competição, não línguas, possibilita novas reflexões não apenas para a formulação de uma teoria de variação e mudança, como também para a teoria de aquisição e teoria de gramática. Em particular, coloca no cenário a questão do contato lingüístico.

## **MUDANÇA VOCÁLICA EM CADEIA DO PROTO-TUPI PARA O PROTO-ARIKEM**

**Cintia Sayuri Sawada**

*(IC-USP)*

**Luciana Storto**

*(USP)*

Este artigo tem como objetivo verificar uma mudança vocálica, proposta por Rodrigues (1986) e corroborada por Storto & Baldi (1994), que teria ocorrido em Karitiana a partir do Proto-Tupi. Essa mudança foi hipotetizada como um processo completo de mudança vocálica em cadeia, no sentido anti-horário.

O método utilizado para tal propósito é a comparação de uma lista de cognatos de línguas pertencentes às dez famílias de línguas Tupi, elicitadas em primeira mão pelo projeto Tupi Comparativo, que visa a reconstrução do Proto-Tupi. Inicialmente esta lista continha 74 verbetes, dos quais 47 tratavam-se de cognatos entre Karitiana e outras línguas Tupi.

A primeira dessas mudanças, PT \*e > PA \*a foi encontrada em 9 palavras, sem nenhuma exceção. A mudança PT \*a > PA \*o foi encontrada em 6 palavras e há uma exceção, onde PT \*a > PA \*. A terceira mudança, PT \*o/u > PA \*, ocorre também em 6 exemplos. Na quarta mudança, há irregularidades: PT \* > PA \*e em seis exemplos, nos quais esta vogal não corresponde sempre a // em todas as outras línguas. Já a quinta mudança proposta por Rodrigues, PT \* > PA \*i, é a mais polêmica de todas, já que se ela realmente ocorre, ela teria ocorrido na maioria das famílias, com exceção apenas para Mawé, Aweti e Proto-Tupi Guarani e, mesmo assim, essas línguas possuem irregularidades.

Com a comparação dos dados, foi possível verificar mudanças vocálicas ocorrendo também em outras famílias, como em Mondé – > o > a > e – e em Ramarama – > o > a. Essas mudanças são irregulares, já que ocorrem apenas em alguns exemplos e em outros não, mas mesmo assim é interessante notar que elas são mudanças inversas àquelas encontradas em Karitiana.

## **ALUMIOU, BAIÃO COMO CRIOULO**

**André Paula Bueno**  
(Doutorando, Literatura Brasileira/ USP)  
**Juçara Marçal Nunes**  
(Mestre, Literatura Brasileira/ USP)

Os Baiões de Princesas cantados na Casa de Fanti Ashanti do Maranhão, mantendo rito datado de 1864 pelo antigo terreiro do Egito, exprimem uma realidade de contato cultural. Entendidos como manifestação de crioulisto musical, religioso e poético, podem apoiar o conhecimento dos contatos lingüísticos desenvolvidos entre afro-descendentes e outros brasileiros. Crioulismo por incorporar nas cantigas em português personagens espirituais de várias procedências étnicas, das Princesas aos Caboclos. Neste rito a população negra disfarçava das autoridades o viés espiritual e religioso a partir das vestimentas e dos instrumentos musicais: não havia tambores de peso, associados à africanidade, só os adufes ou pandeiros e castanholas apoiando violino, cavaquinho, violão, sanfona... Assim podiam afirmar que se tratava de um baile de simples divertimento, diante da perseguição policial aos terreiros. Aqui examinaremos baiões da casa como Tapindaré, Jurarazinho, Ê do Tabocá, Chica Nana e Tombador.

### **A “CUPÓPIA” E A GLOBALIZAÇÃO NO CAFUNDÓ**

**Sílvio Vieira de Andrade Filho**

No Caxambu, localidade rural do município de Sarapuí, Estado de São Paulo, nasceu no século XIX uma comunidade negra que usava uma fala com um vocabulário de origem africana denominada “cupópia”. No começo do século XX, esta foi transportada para a comunidade vizinha do Cafundó que surgiu na época da Abolição no município de Salto de Pirapora, Estado de São Paulo. O Caxambu já não mais existe como comunidade negra, estando os seus habitantes espalhados na periferia de algumas cidades vizinhas (Sorocaba, Salto de Pirapora, Votorantim).

O mundo dos objetos dos usuários da “cupópia” é maior que o seu vocabulário africano. Este mundo tem que ser expresso lingüisticamente por seus usuários. Como resolvem isto com um vocabulário tão pequeno? Como resolvem isto diante do aumento deste mundo causado pela globalização que atinge também o Cafundó que nunca viveu no isolamento? Nesta comunicação, serão apresentados os recursos a que estão submetidas as palavras da “cupópia” e como esta expressa os objetos advindos da modernidade presentes no Cafundó atual. Será também comentada a vida da “cupópia” cafundoense diante da globalização.

### **O ASPECTO VERBAL NA ORALIDADE: DESCRIÇÃO PRELIMINAR DO QUILOMBO PEDRO CUBAS**

**Dayane C. Pal**  
(USP-PG)

O aspecto verbal é uma categoria gramatical que se expressa em português por meio de diversos recursos lingüísticos, tais como, a Aktionsart do verbo enquanto item lexical, a interação da Aktionsart com a flexão ou com o auxiliar em perífrases, entre outros. Não há, portanto, uma marca morfológica que indique aspectualidade em português.

O trabalho que vou apresentar é uma descrição preliminar da expressão do aspecto imperfectivo na fala de uma comunidade de quilombo, Pedro Cubas, situada no Vale do Ribeira/SP. Selecionei para essa apresentação 3 informantes, dois homens e uma mulher, pertencentes às seguintes faixas etárias: 18 a 28; 29 a 45; 46 em diante, sendo cada informante referente a uma dessas faixas etárias. Para a análise terei como apoio o quadro tipológico para o aspecto proposto por Castilho 2001 em que reconhece que o aspecto tem igualmente uma face qualitativa e outra quantitativa e que cada ocorrência verbal assume, ao mesmo tempo, mais de uma face. Como esse autor, vou assumir neste trabalho o caráter composicional do aspecto em português e pretendo destacar de que maneira se dá essa composição na amostra utilizada para análise.

## **PRESENÇA DA LÍNGUA QUIMBUNDO EM UMA COMUNIDADE DE CANDOMBLÉ ANGOLA**

**Elizabete Umbelino de Barros**  
(USP-PG)

Este trabalho trata da língua quimbundo, pertencente ao grupo lingüístico banto, trazida ao Brasil pelos falantes de Angola, sudeste da África Ocidental. Visa à identificação e análise de termos pesquisados na comunidade de candomblé angola *Nzo nkisi mameto dandaluna kisimbi kiamaze*.

Há alguns dicionários dessa língua, como o de Pe.Maia e o de Cordeiro da Matta, além de dois estudos mais específicos da língua quimbundo: o trabalho realizado por Emílio Bonvini, que representa a historiografia da lingüística africana; e a gramática de José Domingos Pedro. À luz dos estudos desses autores, analisarei os textos orais, numa amostragem sobre a presença do quimbundo nessa comunidade investigada.

## **Novas Perspectivas para o Estudo das Línguas Africanas no Brasil**

**Sidnei Barreto Nogueira**  
(Doutorado- USP)

Sabe-se que as práticas de Matriz Africana, no Brasil, ou seja, a Umbanda e, principalmente, o Candomblé com suas várias nações, que nos remetem a grupos sociais de origem africana, perfazem verdadeiras comunidades não só sagradas, mas também culturais. Essas práticas têm, ao longo de dois séculos, constituído centros de referência e resistência para a manutenção de valores civilizatórios africanos no Novo Mundo. Entretanto, em virtude da necessidade de estudos que relacionem a Lingüística à Antropologia, à Sociologia e à Etnomusicologia entre outras, poucos são os lingüistas que têm se debruçado sobre tais manifestações. Assim sendo, por meio do presente trabalho, pretende-se apresentar e discutir, considerando as manifestações lingüísticas e

extralingüísticas destas práticas socializadoras de cunho sagrado, novas perspectivas para o estudo das línguas africanas no Brasil.

## VARIAÇÃO NAS LÍNGUAS DO NORDESTE DO CONGO

**Didier Demolin**

*(Universidade de São Paulo/ Université Libre de Bruxelles)*

As línguas do nordeste do Congo pertencem a diversas famílias lingüísticas dos macro-filos africanos Niger-Congo e Nilo-Saariano. A situação lingüística desta região é muito complexa em termos dialetológicos, de variação e de línguas em contato. Assim sendo, o presente artigo discutirá: (i) Um estudo detalhado da variação dialetológica encontrada nas línguas do mangbetu-aswa, que mostrará que essa língua (do grupo pigmeu) possui características arcaicas que a tornam importante para compreender a diacronia e a situação sociolingüística das línguas sudânicas centrais.; (ii) Nas línguas bantas presentes nessa região onde diferentes subgrupos podem ser identificados, seguindo a discussão de uma língua mista, que combina traços do sudânico central e banto; (iii) A relação entre línguas de Ubump...um com Bantu e línguas sudânicas centrais será examinada para discutir o problema do contato e dos empréstimos da língua.

## AS CLASSES NOMINAIS EM BALANTA

**Cleonice Candida Gomes**

*(Universidade de São Paulo/ Universidade Católica de Brasília)*

O presente trabalho examina as classes nominais em Balanta. Pretende-se neste trabalho aplicar o modelo teórico *template* ou esqueleto CV, descrito por Katamba (1993), às classes nominais em Balanta, focalizando principalmente (i) os casos em que ocorre metátese e (ii) os casos em que não ocorre alternância consonantal.

A respeito do primeiro caso – metátese-, tem-se o seguinte comentário de N'diaye-Correard (1970): se um prefixo velar está em contato com N+C, o resultado é um complexo de nasal velar + oclusiva velar + C: g- + mb = ngb. Nos animados da classe 7a, o prefixo velar + C > g- + N + C, salvo mbee ‘filhos’ e mbuutaa ‘criança’.

A respeito dos casos em que não ocorre alternância consonantal, há o seguinte comentário de Wilson (1989): as línguas da família (oeste) Atlântica apresentam alternância entre consoantes que ocorrem como prefixos anexados aos nomes, indicando principalmente a distinção singular/plural, mas há casos em que a alternância não ocorre. E infere: se o radical é o mesmo no singular e plural, não significa que o radical em si mesmo não é mutável, pois (i) pode ser que a consoante não foi sujeita à mutação; (ii) pode ser que a classe tem duas formas de nomes e ambos requerem o mesmo tipo de consoante inicial no radical.

A respeito do sistema de classes nominais em balanta, Fudeman (1999) verifica diferenças entre a sua descrição e a de N'diaye-Correard (1970). Segundo Fudeman (op. cit.), houve uma simplificação do sistema de classe nominal em Balanta. E diz que é possível que fatores, tais como a redução dos prefixos de classe nominal com padrão silábico CV

(consoante e vogal) nas línguas atlânticas para as formas C (consoante e vogal indistinguível) e C em balanta, tenham influenciado a evolução desse sistema. O prefixo de classe nominal com padrão C surge e desencadeia várias mudanças assimilatórias, alguns obscurecendo a forma subjacente do prefixo de classe nominal, outros contribuindo para a alomorfia com o radical/raiz do nome.

Os vários processos morfo-fonológicos, alterando as características desses prefixos não são adequadamente descritos somente em termos de uma análise morfológica tradicional que se baseia no morfema, faz-se necessário o uso de um modelo que trate da interface morfologia-fonologia.

## **PRONOMES PESSOAIS, POSSESSIVOS E DEMONSTRATIVOS DA LÍNGUA LEMBÁÁMA**

**Bruno Okoudowa**  
(*Mestrado/USP*)

Lembaama é uma língua do subgrupo banto, B.62 (Guthrie, 1953), do grupo Benuê-Congo, Phylum Níger-Congo. Esta língua é falada no Gabão (África central). O objetivo deste trabalho é definir os pronomes pessoais, os possessivos e os demonstrativos desta língua. O corpus deste trabalho baseou-se no conhecimento do autor como falante nativo e na tradução para o lembaama de uma lista de cerca de mil palavras estabelecida por Greenberg para o estudo das línguas africanas. A metodologia usada foi a de montar expressões e/ou frases em lembaama usando os diferentes pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos estudados; e definir a sua forma em seguida. Este estudo revelou por exemplo a existência de pronomes inclusivos e exclusivos nesta língua. O alfabeto usado para a transcrição das palavras é o Alfabeto Fonético Internacional. Os tons do lembaama são alto [ ´ ] e baixo [ ` ].

## **ḥɔ “DAR/ PARA” – UM EXEMPLO DE MARCA TRANSCATEGORIAL SINCRÔNICA EM IBÍBIO**

**Márcia Santos Duarte de Oliveira**  
(*USP*)

Neste trabalho, analiso um exemplo de funcionamento transcategorial (ou plurifuncional) na sincronia da língua Ibíbio, falada na Nigéria, pertencente à família Níger-Congo, subfamília Cross River, subramo Bênué-Congo do Leste, ramo Proto Bênué-Congo. O fenômeno de mudança de categoria é bem conhecido e amplamente estudado no quadro da teoria da gramaticalização, cuja perspectiva de análise é geralmente diacrônica. No entanto, a natureza sistemática desse tipo de funcionamento na sincronia de numerosas línguas tem sido pouco avaliada. Mudanças de categorias sintáticas que são apreendidas de maneira diacrônica nas línguas indo-européias, se apresentam comumente, em línguas africanas, na sincronia. Este fato corresponde a um funcionamento regular e se inscreve no sistema da

língua. Em Ibibio, o elemento morfossintático no apresenta uma flexibilidade sintática/semântica que aponta para um exemplo de transcategorização nessa língua, como atesto nos exemplos (1) e (2), em que no atua como verbo e preposição respectivamente:

1. Nso ke Emem e- ku- *hfhf* fien ?  
 o quê FOC Emaeyak 3s.SA -PST II\ 2S.OA dar 2S.ACC  
 𐀄𐀆𐀇𐀈𐀉𐀊𐀋𐀌𐀍𐀎𐀏𐀐𐀑𐀒𐀓𐀔𐀕𐀖𐀗𐀘𐀙𐀚𐀛𐀜𐀝?  
 “O que Emaeyak deu para eles?”

2. Tem unam *nno* a- mem  
 cozinhar.IMP carne BENEF(?) 3S.SA tornar-se macia  
 𐀟𐀠𐀡𐀢𐀣𐀤𐀥𐀦𐀧𐀨𐀩𐀪𐀫𐀬𐀭𐀮𐀯𐀰𐀱𐀲𐀳𐀴𐀵𐀶𐀷𐀸𐀹𐀺𐀻𐀼𐀽𐀾𐀿  
 “Cozinhe a carne até que ela fique macia (lit. “cozinhe a carne para ela ficar macia”)

A análise de dados como os apontados acima será realizada por meio de um modelo dinâmico de análise: a gramática fractal, proposta por Roberts (2003).

## A FONOLOGIA DE UM SURDO-CEGO NATO

**Célia Aparecida Faria Almeida**  
 (SEE-DF/ UnB)

Este estudo se baseia na análise da fala de um surdocego congênito, que perdeu a visão na fase adulta, em torno dos cinquenta anos de idade, devido à Síndrome de Usher, se tornando, portanto, surdocego. Essa síndrome é de etiologia desconhecida e está ligada à surdez, fazendo com que esses indivíduos se tornem surdocegos, pois apresentam perda visual progressiva, até a cegueira total. Optamos pelo uso da palavra “surdocego” sem o hífen, pois entendemos que esse indivíduo tem uma característica única: a surdocegueira e não duas: surdez e cegueira (cf. Lagati, 1995). Quanto à fala do informante, esta se apresenta com várias especificidades, que são atribuídas a vários fatores. Um deles é o fato do sujeito em causa ser filho de pais ouvintes, que não dominavam a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), o que levou esse indivíduo a ter grandes dificuldades de comunicação com a família na infância. Um outro fator é quanto à aquisição do português como segunda língua, que foi adquirida em condições especiais, tanto do ponto de vista ambiental, quanto pela surdez. A fala do informante, que constitui o *corpus* da pesquisa, foi analisada e comparada à aquisição da linguagem infantil, à crioulização e à pidginização e tem como fundamento teórico os trabalhos de Couto (1996), Jakobson (1995), entre outros. A nossa proposta não é a de inter-relacionar a língua de sinais dos surdos e as línguas crioulas, mas sim mostrar que existem situações concorrentes entre a aquisição do português como língua segunda pelos surdos e as pidginizações, crioulizações e a aquisição da linguagem infantil. Para levantarmos esta hipótese recorremos a dados da aquisição da linguagem infantil de

Grunwell apresentados por Mogford & Bishope (2002) e dados das línguas crioulas apresentados por Couto (1996).

## **A DIVERSIFICAÇÃO DOS DIALETOS CIGANOS: UMA HISTÓRIA DE ADAPTAÇÕES AMBIENTAIS LOCAIS**

**Fábio José Dantas de Melo**

*(UnB)*

O objetivo do trabalho será (i) apresentar um novo enfoque do dialeto cigano calon, considerando-o uma forma reestruturada do Calão, que é o termo pelo qual os ciganos de Portugal designam a sua língua, uma vez que historicamente os Calon no Brasil descendem daquele grupo ibérico; e (ii) dentro da visão de organizar as línguas em "famílias", reconstruindo-lhes a genealogia, bem como classificando-as conforme a sua morfologia (tipologia de Schleicher) - prova incontestável da profícua interface entre Linguística e Ciências Naturais - buscar novos insights, no campo da Ecologia, para questões de evolução das línguas e da sua transformação, por empréstimo ou por herança. Para tanto, apresentarei de forma sucinta o que vem a ser Ecolinguística, passando em seguida a uma explanação de conceitos e fenômenos ecológicos, sempre a procura de seus análogos linguísticos, por que acreditamos que assim construiremos uma nova visão dos fenômenos pelos quais passam as línguas que estão sofrendo a ação do contato com outras.

## **“R CAIPIRA” E IDENTIDADE LINGÜÍSTICA EM GOIÁS**

**Tânia Ferreira Rezende Santos**

*(UFG/PG-UFGM)*

**Hosamis Ramos de Pádua**

*(UEG/NEL-GO.)*

De acordo com o senso comum o “r caipira” é a marca por excelência da fala do goiano. Do ponto de vista científico, o “r caipira” é socialmente estigmatizado e está em vias de extinção (Cf. Calou et ali, 199..; Head, 1987). Tendo essas premissa por pressupostos e hipóteses, analisamos a realização da variante retroflexa de –r em amostras de língua falada em comunidades rurais quilombolas e remanescentes do Ciclo do Ouro em Goiás, a fim de identificarmos a frequência e a distribuição social e étnica daquela variante. Propusemos como referencial teórico a sociolinguística, de acordo com os pressupostos de James e Leslie Milroy. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa participante, em comunidades rurais etnicamente diferenciadas e compreendendo diferentes perfis socioculturais, tais como: comunidades remanescentes de antigos quilombos, de antigos arraiais do Século do Ouro e vilarejos do entorno de Goiânia. Concluímos que o chamado

“r caipira” é muito freqüente na maioria dos dados analisados, e que, pelo menos na zona rural goiana, não está em vias de desaparecimento. O resultado dessa pesquisa pode contribuir para a descrição do dialeto goiano da língua portuguesa e para uma discussão acerca da identidade lingüística goiana.

## **VARIAÇÃO NA REALIZAÇÃO DE ALOFONES NASAIS EM KARITIANA (TUPI): EVIDÊNCIAS A FAVOR DA TEORIA DO CONTROLE**

**Luciana R. Storto**

*(Departamento de Lingüística, Universidade de São Paulo  
Museu de Arqueologia e Etnologia-Universidade de São Paulo)*

A variação alofônica tem sido tratada, tradicionalmente, como uma questão de pouca importância para a fonologia das línguas ou para a teoria fonológica como um todo. Este artigo toma o ponto de vista contrário: o de que a variação alofônica faz parte da fonologia das línguas e deve ser levada em conta nas propostas teóricas que visam explicar os universais fonológicos. Usando análise acústica, articulatória e aerodinâmica da produção de consoantes nasais na língua Karitiana, mostraremos que tanto o condicionamento ambiental dos alofones na língua como um todo, como a variação na produção de um dado alofone na fala de cada falante tem explicações dentro da teoria do controle, que assume que a alofonia faz parte da fonologia da língua, e não é um reflexo automático do ambiente, como se costuma pensar.

## **TÉTUM-PRAÇA E PORTUGUÊS: SEMELHANÇAS E REFLEXÕES**

**Scheyla Brito Alves**

*(UnB)*

Timor Leste, também chamado Timor Lorosae, Timor Oriental, Timor Timur, é um pequeno país localizado no sudeste da Ásia. Em 1999, tornou-se independente da Indonésia, de quem era a 27ª província, e, por tabela, do jugo de ser colônia, pois pertencera a Portugal até 1975. Mas, essa liberdade lhe custou muito caro: teve, em duas semanas, quase que uma destruição total promovida pelos opositores ao processo de libertação. Resguardada sua autonomia como país, contou com o apoio e administração provisória da ONU até 2003, período no qual deveria se reerguer a partir da solidariedade de outros países. Em função dessa história tão conflitiva, tornou-se essencial, mais do que nunca, reestabelecer ou legitimar uma identidade nacional para o seu povo e a escolha da língua oficial, evidentemente, era crucial nessa legitimação. O problema maior era defini-la, uma vez que seus habitantes conviviam, nas principais localidades, com, pelo menos, 4 línguas: tétum, bahasa indonésio, inglês e, em menor escala, o português. As eleitas foram o tétum-praça e o português, sendo que esta está infiltrada naquela.

Nessa apresentação, farei uma breve revisão bibliográfica ressaltando os aspectos lingüísticos, notadamente fonológicos, do tétum-praça, relacionando-os à língua

portuguesa, bem como uma reflexão inicial sobre o nível de aceitação, pela sociedade de Timor Leste, dessa escolha lingüística.

## **COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL: UMA ABORDAGEM DESCRITIVISTA.**

**Antonio Carlos Santana de Souza**  
(Doutorado/USP)

Trataremos neste trabalho da investigação em comunidades afro-brasileiras nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. São elas: Comunidade Remanescente de Quilombo de Furnas do Dionísio, município de Jaraguari/MS, com cerca de 125 famílias; Comunidade Remanescente de Quilombo de Furnas da Boa Sorte, município de Corguinho, Mato Grosso do Sul, com cerca de 150 famílias; Comunidade Remanescente de Quilombo de Mata Cavalo, município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, com cerca de 17 famílias; Comunidade de Vila Bela da Santíssima Trindade em Mato Grosso.

O estreito contato do português com línguas africanas durante o período colonial serve para caracterizar sócio-historicamente o português do Brasil (PB). A influência dessas línguas na constituição do PB estaria resumida à aceleração de tendências prefiguradas no sistema lingüístico do português. O advento da sociolingüística permitiu a retomada do debate em torno da questão, em outros termos. O ponto de partida é o quadro atual de profundas diferenças entre o português popular do Brasil e o português padrão.

O estudo lingüístico das comunidades quilombolas que ainda existem é de grande relevância não apenas no âmbito da lingüística, pode representar também uma importante contribuição para o conhecimento da cultura das minorias brasileiras de origem africana, já que se dedica a um aspecto pouco considerado da cultura desse segmento que vem sendo marginalizado ao longo do nosso processo civilizatório. Por outro lado, contribui também para reunir novos dados sobre a real participação das línguas africanas na formação do PB; participação esta que, devido ao preconceito e/ou restrições de origem teórica, tem sido muito negligenciada.

Esses achados podem ser extremamente importantes para a compreensão da configuração e das tendências atuais da língua falada na zona rural brasileira, na medida em que podem explicar a distância que a separa do português padrão.

## **A VISÃO DE MATTOSO CÂMARA SOBRE TUPINISMOS E AFRICANISMOS**

**Angela França**  
(USP)

Sabe-se que Mattoso Câmara, além do português brasileiro, interessou-se também pelas línguas ameríndias no Brasil, desde antes de sua atuação à frente do Setor Lingüístico da Divisão de Antropologia, no Museu Nacional (1958), o qual firmou acordo no ano seguinte com o *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Exemplo disso é a famosa *Introdução às*

*Línguas Indígenas* (1965), que reuniu palestras suas dirigidas a pós-graduandos em etnologia brasileira (1960).

Contudo, em sua obra, o autor pouco mencionou as línguas vindas da África.

Na constituição da variante brasileira do português as conjunturas sócio-históricas do contato dessas línguas (substrato, adstrato, condicionadores de empréstimos lexicais, transmissão incompleta e/ou até crioulização) foram referidas eventualmente por Mattoso, mas em várias publicações: *Princípios de Lingüística Geral* (1.<sup>a</sup> ed. 1941); “Línguas européias de ultramar: o português do Brasil”, palestra proferida na Universidade de Bonn (1963); *The Portuguese Language* (1972); *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1975), ou, ainda, o *Dicionário de Filologia e Gramática* (1964[1956]), no qual considerou tupinismos e africanismos dois tipos de ‘brasileirismo’, em oposição ao uso no português lusitano. Busca-se neste texto reconstruir a explicação de Mattoso Câmara para certos efeitos devido à situação de contato da língua portuguesa na América com as línguas indígenas e as africanas.

## **QUILOMBOS DO VALE DO RIBEIRA: VARIAÇÃO E MUDANÇA NA CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E NÚMERO**

Margarida Maria Taddoni Petter

(USP)

Dafne Zanoni

(IC-USP)

Este trabalho é parte de uma pesquisa sociolingüística sobre as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, sul do Estado de São Paulo, que tem como objetivo descrever a linguagem dessas localidades, constituídas, majoritariamente, de afro-descendentes. O presente estudo investiga a variação da concordância de gênero e de número numa amostra de fala da comunidade do Cangume, situada no município de Itaoca. O estudo baseia-se numa análise quantitativa, dentro do modelo da sociolingüística variacionista e procura correlacionar a variação de gênero à de número, procurando elementos para comprovar a hipótese de que a ausência de concordância numa dessas categorias favoreceria a ausência de concordância na outra.

---

## **FENÔMENOS FONOLÓGICOS NO CRIOULO SÃO TOMENSE**

Djiby Mane

(UnB)

NeSta comunicação pretende-se analisar fenômenos fonológicos do crioulo são tomense falado no Golfo da Guiné, que, conforme a Fonologia Gerativa, são

condicionados morfologicamente. O objetivo aqui é propor uma explicação mais satisfatória para esses fenômenos de acordo com os princípios da Fonologia Lexical. Esse modelo, estabelecido por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982, 1986) representa, na verdade, a convergência de vários trabalhos independentes, entre os quais se destacam: Halle (1973), Siegel (1974, 1977), Jackendoff (1975), Aronoff (1976), Allen (1978) e Pesetsky (1979). Conforme o objetivo proposto, esse trabalho será composto de uma seção na qual será abordada uma breve observação sobre a formação do são-tomense, uma outra na qual será abordada a teoria da fonologia lexical, e por fim, serão analisados dados do crioulo são-tomense à luz do modelo da Fonologia Lexical, considerando separadamente as lexicais e pós-lexicais.